

# INFÂNCIAS E GEOGRAFIAS: UMA LEITURA DE *QUEM ME DERA SER ONDA E BOM DIA, CAMARADAS*

*Edyanna de Oliveira Barreto*

*Orientadora: Renata Flavia da Silva*

*Mestranda*

**RESUMO:** Dentre os inúmeros trabalhos que se dedicam à análise e reflexão das narrativas literárias angolanas, nos inserimos nessa trajetória para desenvolver um breve estudo que toma por objeto dois espaços: o escolar e o da infância, tendo por *corpus* as obras *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui e *Bom dia, camaradas*, de Ondjaki. Temos por objetivo identificar o papel dinamizador dos espaços físicos e representacionais, buscando compreender como esses dois espaços contribuem à composição das obras e dos personagens. Para tal, nos amparamos na teoria do Cronotopo, de Bakhtin. Vale lembrar que os sujeitos/ personagens estão situados em contextos históricos e geográficos específicos, trata-se do período pós-colonial e ambos enredos se passam em Luanda, capital de Angola. Isso já nos dá algumas pistas do que podemos encontrar nos espaços ficcionais analisados. Nossa hipótese é que o espaço não pode ser dissociado do tempo e que as representações de infância no contexto escolar para esse dado momento e local também não se dissociam de seus respectivos cronotopos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura angolana; infância; escola.

**Infâncias, geografias e suas representações em *Quem me dera ser onda e Bom dia, camaradas***

A memória da luta de libertação e da experiência revolucionária das zonas libertadas desempenhou assim um papel central na política e na vida após a independência, não só com um passado que reverberava no presente, mas também como um farol e referência na caminhada para o futuro. (BORGES COELHO, 2010, p. 155)

Diante dessa premissa de Paulo Borges Coelho iniciamos nosso trabalho pensando sobre a importância da memória. *Quem me dera ser onda e Bom dia, Camaradas* são duas obras literárias que nos apresentam um pouco do passado de Angola. Em ambos os livros temos a representação da infância como o retorno ao passado. Manuel Rui usa da ironia para que através do riso possa criticar a realidade política e social de Angola, enquanto Ondjaki se apropria das suas memórias de infância junto a material histórico para compor o enredo de sua obra que também possui um cenário no período do pós-guerra de libertação.

Em QMDSO<sup>1</sup> o passado de Angola é recuperado por Zeca e Ruca e as suas peripécias para salvar o porco Carnaval da Vitória. O enredo é iniciado com a figura de um pai que leva um leitão para dentro de seu apartamento, no sétimo andar, a fim de engordá-lo, no devido tempo sacrificá-lo e assim poder variar seu cardápio, que até então era à base de peixe e arroz apenas. Esse cardápio é uma das marcas da precariedade que a sociedade Angolana passava naquele período, precariedade essa que não atingia uma determinada camada social, já que os grandes hotéis de Luanda eram abastecidos com toda sorte de alimentos. O autor dessa obra deixa bem clara a crítica sobre a organização social e sobre o novo momento de distopia que Angola começava a vivenciar.

BDC<sup>2</sup> é um texto também protagonizado por crianças, que retrata um ano letivo de variadas descobertas e aprendizados. O enredo é guiado por Ndalú, o personagem-narrador do romance; ele e seus amigos crescem sob os preceitos da revolução, graças ao momento histórico e a presença de professores cubanos no espaço escolar, que eram fortes influenciadores de um olhar mais atento ao período que estavam vivendo. Os meninos experimentaram em suas infâncias o monopartidarismo e a escassez de alimentos sempre lembrada ao citar os cartões de abastecimento. O texto gira em torno de um acontecimento que meninos não sabiam exatamente o que era e por isso, começou a haver um *mujimbo* em toda escola, denominada “Caixão Vazio”. As crianças acreditavam que poderia ser algo drástico e ruim que aconteceria. Na realidade, tudo não passou de um mal-entendido e a história do “Caixão Vazio” seria apenas a visita inesperada do inspetor.

Enfatizamos a princípio o protagonismo de meninos nos livros, o que nos apontam um caminho para refletirmos sobre as relações adulto x criança. Ao tratarmos da diferença entre gerações, entre adultos e crianças, podemos perceber que os adultos em QMDSO vivem criando leis para tudo e seguindo as regras sem nenhuma reflexão a respeito delas, a não ser que interesses próprios estejam envolvidos, para que se questione, como acontece com Diogo:

- Como é? Porco no elevador?
- Porco não. Leitão, camarada Faustino.
- Dá no mesmo em matéria de interpretação de leis.
- Quais leis?
- O problema é o que a gente combinou na assembleia de moradores e o camarada estava presente. Votação por unanimidade. Aqui no elevador só pessoas. E coisas só no monta-cargas.

<sup>1</sup> A partir daqui usaremos QMDSO como abreviação para o título: *Quem me dera ser onda*.

<sup>2</sup> A partir daqui usaremos BDC como abreviação para o título: *Bom dia, Camaradas*.

- Mas leitão é coisa?

- Nada disso. Bichos ficou combinado cão, gato ou passarinho. Agora se for galinha morta depenada, leitão ou cabrito já morto, limpo e embrulhado, passa como carne, também está previsto. Leitão assim vivo é que não tem direito, camarada Diogo, cai na alçada da lei.

- Alçada como? Primeiro o monta-cargas está avariado. Um dia inteiro que a sua mulher andou a carregar embambas para cima e para baixo. E depois o monta-cargas, está a ver? Em segundo o leitão está em trânsito, não anda de cima para baixo e de baixo para cima. E foi este leitão que trouxe catolotolo aqui no prédio?

Pararam no sétimo. O leitão estava renitente mas Diogo arrastou-o pela corda. E, já com a chave na porta, olhou para trás e não viu o vizinho”. (RUI, 2005, p. 1-2)

Contudo, as críticas mais contundentes vêm do espaço escolar, reproduzido pela voz da professora e repetido por Ruca em casa:

– Pai – interveio Ruca –, mas a camarada professora disse que o que é preciso é mais milho e mandioca para que o povo das províncias (...).

– Diz na professora que isso é maka de campesinato, eu sou revolucionário da cidade. (RUI, 2005, p. 50)

Para o pai, o grande avanço da revolução era viver no espaço urbano, sair do mato que representava o passado e o atraso, contudo a fala da professora levava aos alunos uma problematização que criticava a economia política e atingia a todos, inclusive os moradores da cidade, essa crítica estava ligada a precariedade de alimentos. Vemos críticas semelhantes em BDC também, bem como professores que estão atentos às escolhas políticas dos governantes.

### **As infâncias em Luanda**

Tentaremos pensar a infância como Maximiliano Valerio López (2008) nos sugere, segundo ele, quando falamos em sentido e não simplesmente em significado da palavra infância, acabamos por compreender “o que ela quer dizer [no] aqui e agora” (p. 21), ou seja, refletiremos sobre o que ela quer dizer em seu sentido, em um determinado lugar e tempo. Dessa forma, investigaremos como a infância se configura nos contextos escolares de Luanda, na década de 1980, através da escrita ficcional de Manuel Rui em QMDSO e Ondjaki, em BDC.

É importante assinalar que não estaremos tratando diretamente da infância como conceito, mas da representação da infância no contexto pós-colonial luandense e de como as crianças, personagens narradores e protagonistas transitam pelo espaço escolar e levam os leitores a conhecerem e refletirem sobre a realidade de Luanda, nos anos 80. E se tratando de

representação, consideramos que a infância a qual destacamos aqui é como Jader Janer Moreira Lopes (2008) nos apresenta,

é uma representação social, as crianças são sujeitos reais, produtores de cultura, fazedores de histórias, construtores de geografias e, portanto, co-responsáveis na própria sistematização da noção de infância que o mundo adulto lhes confere. (p. 64)

Em outras palavras, é não assumirmos a infância como categoria biológica, mas social, entendendo que, ao contrário do que muitos pensam, as crianças são criadoras junto dos adultos do que é a infância, ambos constroem essa noção. Partindo dessa perspectiva, buscamos identificar como os personagens crianças podem construir junto dos adultos suas infâncias. A temática da infância já tem sido recorrente em se tratando das literaturas africanas de língua portuguesa.

Autores como Pepetela, Luandino Vieira, entre outros já tratam do tema infante de forma bastante produtiva. E devemos destacar que a infância desempenha papel importante na literatura por ser responsável pela busca e construção de uma identidade angolana, é através da infância que se pode recuperar o passado e também almejar um futuro, que pode ser construído sobre os caminhos da esperança. Laura Cavalcante Padilha (2007) traça um breve panorama histórico dessa representação da infância na literatura Angola e atenta ao “tempo dos primeiros traços” fazendo um levantamento da trajetória literária que enfatiza essa temática.

A princípio a autora Laura C. Padilha toca na produção de textos que destacam o lado lúdico e prazeroso da infância, como em *A cidade e a infância* de Luandino Vieira, posterior a isso fala em obras que possibilitam a construção do coletivo plural, “no futuro tão necessário para que se reconstru[ísse] a angolanidade esfacelada” (p. 182). E então, a infância começa a perder a ludicidade e passa a se constituir a fim de preparar meninos e meninas à resistência e à luta, como em *A menina Vitória* ou *As aventuras de Ngunga*.

Ao olharmos para QMDSO, ainda segundo Padilha (2007), nele “as crianças reescrevem a estória dos sonhos, do jogo e começam a travar outras lutas tão dolorosas como a dos outros meninos, já então antigos” (p. 188). Mas, o mundo continua a ser visualizado pelo olhar de crianças e se comparados aos textos do pré-independência, há uma grande inversão das expectativas e sonhos. Contudo, nos parece que:

A despeito da visão adultocêntrica compartilhada por muitos, presente em vários setores da sociedade, inclusive na instituição escolar, se há traços comuns entre todas as crianças, independentemente de suas infâncias, é a

capacidade de subverterem os esquemas e estruturas pré-traçados para elas, materializando suas presenças nos diversos grupos sociais em que se encontram. (LOPES, 2008, p. 64)

Tanto em QMDSO como em BDC, os personagens narradores são crianças que fazem exatamente o que Lopes (2008) aponta, eles subvertem as estruturas pré-determinadas. Vejamos o episódio que os meninos de QMDSO corrigem a escrita (e conseqüentemente a lei) de Faustino e Nazário. Em uma cartolina amarela estava escrito em letras vermelhas:

1° Porque é preciso resolver os problemas do povo deste prédio:  
2° Assim é que: está proibida a habitação no seio do mesmo de animais porcos çuínos.  
Produção, Vigilância, disciplina  
Nazário e Faustino  
Abaixo a reacção  
A luta continua  
A vitória é certa! (RUI, 2005, p. 14)

Os meninos viram o camarada Nazário colando o cartaz na parede e já chegaram fazendo suas considerações:

– Desculpe camarada Nazário, mas suíno é com esse, disciplina é antes de vigilância e antes da luta tem de pôr pelo Poder Popular e no fim acaba ano de criação da Assembleia e Congresso Extraordinário do Partido!  
– Onde isto chegou! – Nazário falava com a mão direita a ameaçar a chapada –, miúdos a mandarem bocas nos mais velhos. Se não fossemos nós vocês tinham nem independência nem escola.  
– Mas em que guerras é que o camarada combateu, se mesmo quando esteve a fenelá basou de casa e só veio quando acabaram os bombardeamentos?  
Nazário não respondeu ao arreganho de Zeca. Emendou primeiro a palavra suíno. Depois, com letras pequeninas, encavalitou pelo Poder Popular, mas no fim das assinaturas já não havia mais espaço e também não dava para antecipar disciplina a vigilância.  
– É melhor fazer uma coisa nova, camarada Nazário – insinuou Ruca. (RUI, 2005, p. 14-15)

Nessa cena fica bem clara que o discurso ideológico estava se esvaziando, isto é, o sistema estava baseado em *slogans* vazios e as leis já não eram mais criadas visando o coletivo, mas o individual. Os mais velhos com maior vivência acabavam por saber menos do que os menores por não se permitirem refletir sobre a realidade. Manuel Rui traz à tona a problemática social vivida por Angola, pós independência e as falácias do discurso do poder, através do riso e da voz das crianças.

A sugestão de Ruca para que algo novo fosse feito mostra que Manuel Rui deixa nas entrelinhas que o projeto de nação que eles tinham até então não atendia e seria preciso

refazer, fazer “uma coisa nova” (*ibidem*). Trata-se de um momento que Angola havia acabado de vencer Portugal através de uma longa guerra e isso representava a conquista de um tão esperado sonho. Para os angolanos, conquistar a independência era sinônimo de liberdade da opressão colonial, vida digna e igualitária, onde todos da sociedade tivessem acesso aos mesmos direitos, era uma fase de utopia, por um país socialista.

Em BDC, temos o adulto António, que não considerava a vitória da guerra tão valiosa assim, devido a realidade de extrema precariedade que Angola passou a viver no pós-guerra, enquanto o menino Ndalo simbolizava a esperança, a nova geração, o futuro e a utopia, acreditando que era sim um momento novo e melhor para seu país.

- Mas, camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre? (...)
- Menino, no tempo do branco não era assim... (...)
  - Mas. António... Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? Os portugueses tavam aqui a fazer o quê?
  - Ê!, menino, mas naquele tempo a cidade estava mesmo limpa... tinha tudo, não faltava nada...
  - Ó António, não vês que não tinha tudo? As pessoas não ganhavam um salário justo, quem fosse negro não podia ser diretor, por exemplo...
  - Mas tinha sempre pão na loja, menino, os machimbombos funcionavam...
  - ele sorrindo.
  - Mas ninguém era livre, António... não vês isso?
  - Ninguém era livre como assim? Era livre sim, podia andar na rua e tudo...
  - Não é isso, António (...). Não era, angolanos que mandavam no país, eram portugueses... E isso não pode ser... (ONDJAKI, 2014, p. 11-13)

Mais uma vez encontramos a infância sendo construída através do contato entre criança e adulto e pudemos identificar que cada fase pode representar um pensamento de uma época distinta. BDC por apresentar essa relação entre o velho e o novo, acaba por se configurar em um texto iniciático. Outras cenas importantes que ilustram essa relação entre adultos e criança são da tia Dada, que vive em Portugal, mas ao passar suas férias em Luanda, troca bons momentos com o menino Ndala.

- Tia, não percebo uma coisa...
- Diz, filho.
- Como é que tu trouxeste tantas prendas? O teu cartão dá para isso tudo?
- Mas qual cartão? – ela fingia que não estava a perceber.
- O cartão de abastecimento. Tu tens um cartão de abastecimento, não é? – eu a pensar que ela ia dizer a verdade.
- Não, não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão.
- Sem cartão? E como é que controlam as pessoas? Como é que controlam, por exemplo, o peixe que tu levas? – eu já nem lhe deixava responder. – Como é que eles sabem que tu não levaste peixe a mais?



– Mas eu faço as compras que quiser, desde que tenha dinheiro, ninguém me diz que levei peixe a mais ou a menos... (ONDJAKI, 2014, p. 45)

Nessa cena, o autor Ondjaki usa da ironia como recurso e imprime uma suposta ingenuidade no menino para mostrar como o sistema funcionava e ao mesmo tempo criticá-lo. É com tia Dada que o menino descobre a diferença do outro, mais do que a diferença entre o passado e o presente, como aconteceu com o cozinheiro António. O romance ainda apresenta outros personagens como os professores cubanos. Gostaríamos de destacar aqui o personagem do professor Ángel. Esse personagem é bastante significativo já que exemplifica a relação entre adultos e crianças, nos aproxima do próximo eixo de trabalho – o escolar – e mostra mais uma vez aos leitores características políticas da época: “No quiero que se queden con esa cara... están pálidos de miedo! Miren, la escuela también es un sitio de resistencia...” (ONDJAKI, 2014, p. 66).

O professor Ángel fala aos meninos que mesmo que pequenos já devem refletir sobre seus atos para que possam ter um país forte e o autor Ondjaki seleciona a escola como o espaço privilegiado à reflexão da resistência e do que se espera de Angola, agora país independente. Segundo Franco (2008)

os professores cubanos representam uma característica política da época: o apoio dado por Cuba, que enviou militares para Angola para atuarem nas áreas da segurança nacional, da medicina e da educação. Os cubanos também representam a força que vem de fora, depois de um longo período de rejeição do outro, no caso o português. (p. 90)

Em QMDSO a professora também é uma referência e influenciadora da criticidade aos meninos. Quando Zeca e Ruca conseguem através de uma artimanha trazer carne de porco para a refeição de seu lar a fim de que seu pai desistisse da ideia de matar o porco Carnaval da Vitória, Diogo, o pai dos meninos estava mais uma vez reproduzindo um discurso que era proferido inúmeras vezes, sobre a revolução e a realidade de agora morar em uma cidade, em um prédio, como sinônimo de desenvolvimento.

Contudo, fica claro que Diogo não tem a perceptibilidade de que “ser revolucionário da cidade” não é uma das melhores coisas quando se vive sob a escassez de alimentos, de água e de tantas outras coisas. Ao mesmo tempo que vivencia um incômodo constante de não querer se alimentar apenas de peixe, não consegue visualizar que o tão sonhado socialismo, que chegaria com a revolução, não estava acontecendo devido as escolhas dos líderes



políticos, que mantinham a mesma estrutura que funcionava no passado, regalias para a minoria que ocupava o poder e escassez à grande massa.

### **Os espaços escolares e seus papéis dinamizadores**

Como já foi mencionado, QMDSO e BDC compartilham muitos pontos em comum, ambas têm Luanda como principal espaço e os personagens vivem nele em um momento específico: pós-guerra de libertação em que o desencanto como a se disseminar. A capital angolana é uma grande cidade que nesse período passa por diversas modificações, como a explosão demográfica, que levava pessoas de todas as partes de Angola para o grande centro: Luanda.

Apesar das obras analisadas se passarem pós 1975, pós independência e em um momento nomeado pós-colonial, as escolas na cidade Luandense reproduziam ainda os moldes coloniais. Vale ressaltar aqui os estudos de Schmidt (2009) que enfatiza que para autores como Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (2005, p. 186) o termo “pós” estava estritamente relacionado ao sentido cronológico, dessa forma, o momento que designava a independência dos países colonizados pela Europa era conhecido como “pós-colonial”.

Contudo, a descolonização não foi um processo único, pois a colonização desencadeou efeitos diversos nas sociedades colonizadas e é a partir dos anos de 1970 que estudiosos passam a discutir esses efeitos, levando em consideração aspectos sociais, políticos, geográficos, entendendo que tanto a sociedade colonizadora quanto a colonizada sofreram mudanças e que não é possível que ambas voltem a ser o que eram antes da do processo colonial. Os autores que se destacam e iniciam as discussões sobre a temática são Edward Said, Gayatri Spivak e Homi Bhabha.

Schmidt (2009) chama a atenção para essa heterogeneidade conceitual que à primeira vista pode gerar divergências, mas que por outro lado acaba promovendo um debate epistemológico e político ainda mais prolífero. E é através da definição de Boaventura de Sousa Santos que podemos ver com mais clareza esse potencial. Segundo ele: “o pós-colonialismo consiste num conjunto de correntes teóricas que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo” (2004, p. 8). Essas relações desiguais advindas do colonialismo



deixam como rastro tensões diversas que ultrapassam o fim do colonialismo, pois elas se mantêm no pós-independência.

As obras QMDSO de Manuel Rui e BDC de Ondjaki são marcadas por esse período que está sofrendo mudanças pois alguns espaços ainda possuem características do período anterior, como a escola, que é nosso foco neste momento. Ambas obras apresentam uma peculiaridade com relação aos elementos de tempo e de espaço, queremos chamar atenção aqui para o tempo da infância vivenciado no espaço escolar. Ao tratarmos das mais variadas teorias que se dedicam a pensar o tempo e o espaço, nos amparamos em *Bakhtin e o Cronotopo*. Segundo Oziris Borges Filho, o autor do prefácio da edição brasileira, “Já passamos o tempo do tempo! Já passamos o tempo do espaço! Estamos no tempo do cronotopo!” (2015, p. 9).

As obras analisadas neste trabalho podem ser lidas como a tentativa de recuperação, senão das utopias, ao menos de um futuro, na medida em que se abre a um diálogo com o presente e o passado, tendo assim um cronotopo que “condensa-se, comprime-se [e] torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história”. (BAKHTIN, 1998, p. 211)

## REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 4ª Ed. São Paulo: UNESP, 1998.
- BEMONG, Nele. *Bakhtin e cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. Trad. Oziris Borges Filho, et al. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- FRANCO, Roberta Guimarães. Bom dia camaradas e um retrato de uma (infância em) Angola In: ABRIL – *Revista do Núcleo Estudos de Literaturas Portuguesa e Africanas da UFF*, Vol. 1, nº 1, Agosto de 2008, p. 88-92.
- LOPES, Jader Janer Moreira. “É coisa de criança”: reflexões sobre geografia da infância e suas possíveis contribuições para pensar as crianças In: VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Org. 1ª Ed. – Niterói: EdUFF, 2008, p. 57-72.
- LÓPEZ, Maximiliano Valerio. Infância e colonialidade in: VASCONCELLOS, Tânia de. *Reflexões sobre Infância e Cultura*. Org. 1ª Ed. – Niterói: EdUFF, 2008, p. 21-38.
- ONDJAKI. *Bom dia, camaradas*. 1ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.



PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. 2ª Ed. – Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

PEPETELA (PESTANA), Arthur. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Ática, 1980. (Autores Africanos, 3).

RUI, Manuel. *Quem me dera ser onda*. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Gryphus; Lisboa, Portugal: Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 2005, 70p. - (Coleção Identidades).

SANTOS, Arnaldo. A menina Vitória in: *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo: Ática, 1981. (Autores Africanos, 8)

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro*. In: *Conferência de Abertura do VIII Congresso LusoAfro Brasileiro de Ciências Sociais*, realizado em Coimbra, de 16 a 18 de setembro de 2004. Disponível em: <[www.ces.uc.pt](http://www.ces.uc.pt)>. Acesso em 18 de janeiro de 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura – O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

SCHMIDT, Simone Pereira. Onde está o sujeito pós-colonial? Algumas reflexões sobre o espaço e a condição pós-colonial na literatura angolana. – *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol. 2, nº 2, Abril de 2009.

VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância: estórias*. 2ª Ed. Lisboa: Edições 70, 1977.